

Volta ao Portugal empresarial



JOAQUIM CUNHA*

mesmos gestores a participar nas viagens de Estado. São sempre as mesmas empresas a serem visitadas pelos ministros. Talvez por receio destes em conhecerem melhor a realidade do país. Talvez porque seja mais duro ouvir directamente os problemas do quotidiano empresarial. Talvez porque a esmagadora maioria dos empreendedores nacionais não tenham, e ainda bem, capacidade para contratar como assessores velhos e novos senadores.

Há 15 dias pelo país, em sessões de dinamização do tecido empresarial, no âmbito da Volta às PME de Portugal, revejo opiniões sobre o estado da nação. Estas sessões não servem para dizer aos empresários que o Governo é a oitava maravilha, nem para carpir as mágoas da política económica reduzida no mero combate ao défice. Mas têm servido para auscultar as necessidades das centenas de empresas aderentes. E para debater com os seus empresários os verdadeiros problemas da economia.

Este périplo por 14 cidades tem sido um barómetro das expectativas empresariais. Que continuam baixas. Porquê? Muito simples. A crise nas tesourarias empresariais continua. O Estado que em tudo se atrasa manteve as devoluções de IVA suspensas por dois meses. Os bancos continuam a cortar no crédito. E, mais grave, os participantes não confiam no país e nos políticos. E não interiorizam reformas, questionando com alguma razão a sua eficácia ou existência plena.

Todavia, é este tecido empresarial de micro e pequenas empresas, que são mais de 250 mil em Portugal, que mais precisa de estímulo, de confiança, de acompanha-

mento. As grandes empresas não necessitam, nem nunca necessitaram. Naquelas que se movem à sombra do Estado, basta-lhes mesmo a protecção legal e as habituais tranches do Orçamento de Estado. E os políticos visitam sempre as mesmas empresas, pelas mesmas e estafadas razões. A suposta excelência das empresas líderes.

Mas governar não é acompanhar as facilidades. Nem acompanhar-se dos facilitadores de elogios. Nem dos publicitadores de miragens. Governar é mudar o país, reformando as estruturas empresariais e promovendo as iniciativas emergentes. Conhecerão os nossos políticos aquela empresa que faz fatos para a NASA. Ou aquela empresa que faz instrumentos médicos líder na Europa. Ou aquela empresa que tem uma cadeia que em Portugal e Espanha rivaliza nas melhores ruas. Ou aquela empresa que tem um rácio Produção/trabalhador de 300 000 euros?

Não são necessariamente grandes, nunca estiveram na moda, nunca receberam ministros, nunca tiveram apoios públicos. Mas existem, exportam, empregam, e crescem. Como muito do bom que se vai fazendo em Portugal, são pequenas e médias empresas. E enquanto a política persistir em os ignorar estamos mal. Do Terreiro do Paço vê-se o país que interessa e os actores convidados do costume. Que nas TV agradecem discretamente a distinção. Continuar este jogo de sombras não serve a ninguém. Afinal a globalização não permite mais enfiar a cabeça na areia. E ainda bem.

> Existe uma enorme energia nos empreendedores nacionais. Apesar de esquecidos pelo poder político, todos os dias centenas de milhar de empresários e empreendedores lutam e fazem florescer as suas empresas. Uma das características comuns a estes líderes que produzem a riqueza nacional é o anonimato e o isolamento. Alguma culpa terão por esse facto, numa sociedade fechada e num país de brandos costumes. Mas não se pode deixar de imputar ao poder político conveniente cumplicidade, na descrição excessiva dos empresários nacionais.

Foi há dias conhecido um estudo revelador. Concluía que 80 por cento dos deputados nunca trabalharam numa empresa. Facto grave e que indicia a forma como o Estado conhece e, portanto, trata os empreendedores. Com distância, desprezo e ignorância. Própria de quem desconhece a realidade que devia representar. Empobrecedora das reformas que o poder central pode e tem de fazer.

Não admira que o statu quo se mantenha. São sempre os mesmos actores a opinar. São sempre os

* Presidente da PME-Portugal
presidente@pmeportugal.com.pt